

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A Cinemateca com o Queer Lisboa: William E. Jones
26 de setembro de 2024

THE FALL OF COMMUNISM AS SEEN IN GAY PORNOGRAPHY / 1998

Realização, argumento e produção: William E. Jones / *Música original:* Jean-Pierre Bedoyan / *Misurtras:* Craig Smith / *Montagem on-line:* Molly Rysman / *Cópia:* DCP (a partir de suporte em vídeo), cor, falada em inglês, legendada em inglês e legendada eletronicamente em português / *Duração:* 19 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

ACTUAL T.V. PICTURE / 2013

Realização, argumento e produção: William E. Jones / *Apoio:* Film/Video Studio Program Wexner Center for the Arts / *Cópia:* DCP (a partir de suporte em vídeo), cor, sem diálogos / *Duração:* 7 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

PSYCHIC DRIVING / 2014

Realização, argumento e produção: William E. Jones / *Imagens:* Mission: Mind Control (1979, ABC News Special), National Archives and Records Administration / *Montagem e misturas:* Paul Hill / *Apoio:* Film/Video Studio Program Wexner Center for the Arts / *Cópia:* DCP (a partir de suporte em vídeo, transcrito de VHS), cor, falada em inglês, legendada eletronicamente em português / *Duração:* 14 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

MODEL WORKERS / 2014

Realização, argumento e produção: William E. Jones / *Apoio:* Film/Video Studio Program Wexner Center for the Arts / *Cópia:* DCP (a partir de suporte em vídeo), cor, sem som / *Duração:* 13 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

A GREAT WAY OF LIFE / 2015

Realização, argumento e produção: William E. Jones / *Imagens:* Engineers, Up! (1970, U.S. Marine Corps) / *Montagem:* Paul Hill / *Apoio:* Film/Video Studio Program Wexner Center for the Arts / *Cópia:* DCP (a partir de suporte em vídeo em alta definição), cor, sem diálogos / *Duração:* 7 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

filmes de WILLIAM E. JONES

Duração total da sessão: 60 minutos

O cinema de William E. Jones apresenta duas facetas que se cruzam e interpenetram. Uma delas é a dimensão pessoal ou memorialista, onde os elementos biográficos individuais servem como mecanismos de revelação do mundo – a subjetividade como lente, como forma de permitir um acesso íntimo às vivências do outro. A outra manifesta-se no recurso ao gesto de apropriação das imagens e dos sons preexistentes, construindo uma arqueologia das “sub-imagens” (a pornografia, o filme institucional, a reportagem televisiva, a propaganda, etc.) como forma de reflexão sobre a natureza das representações e sobre a força documental dos registos audiovisuais – mesmo quando essa dimensão de “documento” parece mais longínqua. A sessão de hoje foca-se – de forma mais ostensiva – na segunda destas facetas, propondo um conjunto de filmes-ensaio que estão mais preocupados em identificar/denunciar a própria natureza “mediada” das representações, do que partir delas para construir narrativas alternativas.

São, por isso, filme de *found footage* que mais do que utilizar as imagens apropriadas como forma de ilustração, são – eles mesmos – meditações sobre o gesto de apropriação e o modo como estas mesmas imagens foram produzidas, circuladas, exibidas e integradas no nosso

panorama audiovisual comum. Assim, se **The Fall** parte de imagens de filmes pornográficos com o intuito de identificar os seus sistemas de produção e representação (e a partir dessa identificação produzir uma tese sobre o poder dominante do capital), **Psychic Driving** parte do manancial de imagens e sons produzidos pela televisão (procurando literalizar o poder hipnótico do pequeno ecrã), **Model Workers** propõe, por sua vez, um ensaio sobre outro sistema de representações capitalistas (a numismática – mais literal era impossível!) e, por fim, tanto **Actual T.V. Picture** como **A Great Way of Life** partem de imagens produzidas por instituições militares norte-americanas durante o período da Guerra do Vietname colocando-as em diálogo com anúncios publicitários, questionando assim os modos como o Estado e as Forças Armadas representam a guerra, a violência e a morte a partir de uma perspectiva bélico-nacionalista no contexto de uma sociedade capitalista que se “anuncia” permanentemente como baluarte da democracia e como símbolo de progresso (sendo que **Actual T.V.** estabelece a ligação entre a popularização do transístor nas televisões dos anos 1960 e o seu original desenvolvimento como tecnologia de armamento militar).

São todos filmes que optam por estratégias muito distintas (a remontagem e a narração em *voice over*, a justaposição de materiais dissonantes – propaganda militar/publicidade televisiva –, a manipulação do suporte vídeo – dissolução da imagem, tintagem –, ou a simples coleção) e, cada um à sua maneira, todos colocam uma mesma questão: de que forma o capital e a ideologia do Estado (que por vezes coincidem em absoluto) enformam os mecanismos através dos quais as imagens são criadas, difundidas, recebidas e entendidas? Nesse sentido, o trabalho de William E. Jones – nesta sua faceta de analista *intermedial* – consiste em encontrar estratégias formais e narrativas que permitam expor a teia sociopolítica que se esconde em todas e cada uma das imagens (em particular em toda e cada uma das imagens que se produzem no sistema mediático norte-americano – ou para o sistema mediático norte-americano).

De qualquer modo, o interesse de **The Fall of Communism as Seen in Gay Pornography** vai para lá das questões estritamente mediáticas. O filme parte de um olhar que acredita ser possível descobrir em qualquer imagem um documento histórico, sociológico e – até – etnográfico. Assim, compondo-se exclusivamente por imagens de filmes pornográficos rodados nos países de leste após a queda do Muro de Berlim, o filme exclui todo o conteúdo sexualmente explícito concentrando-se naquilo se enuncia nas escolhas de realização e *mise en scène* dos *autores* desses mesmos vídeos pornográficos – uma espécie de aula de filmologia aplicada ao *porno* de leste. O que daí resulta é a desconstrução de um objeto de desejo – os jovens de leste com uma “unspoiled beauty”, eventualmente heterossexuais e forçados (coagidos) a praticarem sexo com outros homens por motivos económicos – que revela não só as mitologias sexuais do público-alvo (ocidental) como expõe as novas lógicas mercantis (onde o corpo é uma mercadoria como as demais) de uma sociedade que vive a explosão do consumo. Essa tensão entre retrato de um momento histórico e fantasia capitalista (sexo, dinheiro e violência como vértices de uma triangulação do desejo ocidental) mantém-se como a mais perturbadora ambiguidade do filme – ambiguidade essa que, na sua retórica analítica, William E. Jones nunca chega a esclarecer.

Ricardo Vieira Lisboa